



“TEORIAS” ESPÍRITAS E RIGOR CIENTÍFICO”

Astrid Sayegh

Mesmo diante de novas teorias e o avanço vertiginoso da Ciência Moderna, os alicerces da Doutrina dos Espíritos permanecem inabaláveis. Mais do que isso, tudo parece convergir no pensamento atual para a comprovação da legitimidade da obra de Allan Kardec. Diante desse panorama positivo, importa, no entanto, que qualquer teoria que se pretenda científica em nome da Doutrina dos Espíritos seja submetida à prova quanto a sua legitimidade. Faz-se necessário submetê-la aos critérios e rigor metódico, pois Espiritismo não é uma questão de pontos de vista ou idéias do senso comum, mas uma ciência rigorosa que possui um corpo de conhecimento coeso, e que enquanto tal pressupõe uma reflexão empreendida com seriedade e precisão.

Segundo Herculano Pires, *o desenvolvimento dos princípios espíritas não pode ser feito de maneira atrabiliária, pois no campo do Conhecimento há leis de lógica e de logística que regem o processo cultural*¹. Se por *lógica* entende-se a arte de conduzir a razão na busca e demonstração do conhecimento, à *lógica* formal juntam-se as matemáticas e esta passa a denominar-se *logística*. Depreende-se, diante de tal ênfase à exatidão matemática, que o referido filósofo não somente aponta um ideal a ser atingido, mas antes faz apelo a uma verdadeira *exigência de precisão* no desenvolvimento dos princípios espíritas.

E em que exatamente consiste a *Lógica*? Ao ocupar-se com o pensamento correto, com a coerência e encadeamento das idéias, esta ciência visa o emprego de *procedimentos racionais* que venham a legitimar todo e qualquer trabalho científico; tais procedimentos do pensamento denominam-se *método*, que etimologicamente significa *o caminho ordenado através do qual se chega à verdade*. Diante disso é importante considerar que, sobretudo no atual momento, por falta de rigor metodológico, muitos trabalhos rotulados de “científico-doutrinários” acabam por comprometer a precisão e autoridade da ciência espírita. Mesmo expositores, cujo trabalho é sem dúvida louvável, enveredam por vezes inadvertidamente por caminhos comprometedores ao abordar os aspectos científico e filosófico de forma não muito precisa.

Allan Kardec já manifestara sua preocupação com relação à eventuais contribuições em nome da Doutrina e estabelecera normas para não cairmos na ilusão ou na curiosidade doentia; é imprescindível, desta forma analisar também com rigor a linguagem dos encarnados, submetê-los a teste de bom senso, avaliar a maturidade intelectual e moral, e,

¹ — PIRES, Herculano. *A pedra e o joio*, p.10.

sobretudo valer de critérios e metodologia científicos como forma de discernimento entre ciência e pseudociência. Cumpre destarte, uma iniciativa séria por parte dos espíritas, para a qual convidamos a todos com devida formação, no sentido de questionar as afirmações de caráter científico e filosófico que surgem constantemente, considerando as suas implicações na formação de consciências e perante o meio acadêmico. Esse convite estende-se a todas as entidades do movimento espírita, Federação Espírita do Estado de São Paulo, União das Sociedades Espíritas e Aliança Espírita e outras, já como uma forma embrionária e despretensiosa de estabelecermos uma unidade e homogeneidade de pensamentos em relação a esta magna doutrina.

Ao submeter à prova todo e qualquer trabalho espírita de natureza científica, deve-se ter em considerações os seguintes **critérios**:

1. Analisar o conteúdo e o **objetivo moral** de toda e qualquer obra doutrinária, pois Espiritismo não se trata de uma doutrina científicista com objetivos meramente intelectuais, mas acima dos raciocínios deve estar a mensagem evangélica, que vise despertar a sensibilidade espiritual, contagiar e transformar a interioridade. Efetivamente, toda produção mesmo que se pretenda científica, deve estar vinculada a juízos de valor, e colimar o sentido ético e a religiosidade cristã. Em contraposição à frieza da razão técnica e instrumental, importa que a razão seja articulada pelo sentimento; pois somente uma razão comprometida com a ética, que dê primazia a valores fundamentados na natureza essencial do homem pode lhe permitir a realização plena. Por preconceito ao chamado “Espiritismo igrejeiro” acaba-se por vezes relegando os ideais espíritas à frieza do intelectualismo abstrato e do verbalismo exacerbado, criando-se um mito ainda pior, o chamado mito do científicismo.

Ora, se a fé sem razão é cega, a razão sem a fé, sem o sentimento de religiosidade é morta, pois é desprovida do *sentido* espiritual que vivifica; trata-se da forma sem conteúdo, letra sem espírito.

Por outro lado, embora a razão deva ser precedida e gerada pelo amor, permanece sendo a faculdade criteriosa, por excelência, cujos princípios universais conferem segurança e legitimidade à ciência. Para tanto, ela pode ser empregada de diferentes formas, ou seja, aplicada a diferentes métodos, segundo o objeto de conhecimento seja da alçada da **ciência** ou da alçada da **filosofia**:

2. Ao se pretender um trabalho de **natureza científica**, a segunda prova consiste em submeter toda e qualquer obra ao rigor do método experimental, ou seja, a *razão* deve apoiar-se em **fatos** ou fenômenos, verificar a relação entre os mesmos, ou seja, a partir das evidências, chegar à teoria. *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental.*² Partindo, assim da experiência, ou melhor, da experimentação é que se deve, a partir da regularidade dos fatos, da observação criteriosa, comparação e generalização dos mesmos compor a teoria. Não serão um ou alguns fatos que comprovarão uma tese, mas esta deve ser sustentada por uma grande evidência de casos submetidos à rigorosa análise e posterior interpretação. **Não bastam experiências subjetivas e pessoais, como também não basta simplesmente uma combinação forçada de conceitos preexistentes.**

3. Se o trabalho de natureza científica por sua vez legitima-se após os fatos, ou seja, *a posteriori*, pode ainda a *razão* legitimar *a priori*, ou seja, anteriormente aos fatos. Isto é possível através de princípios lógicos ou racionais, cujos objetos de conhecimento escapam

² — KARDEC, Allan. *A Gênese*, cap. I,14.

à prova experimental; inicia aqui o papel da **Filosofia**. *O grande critérium dado pelos Espíritos superiores é a lógica(...)*³ Efetivamente, a essência da Doutrina Espírita transcende a apreensão fenomênica, em função de conceitos e princípios lógicos que ultrapassam os sentidos. Daí o caráter essencialmente filosófico do Espiritismo, pois sua natureza é fundamentalmente metafísica, e em assim sendo transcende os limites da ciência experimental. A prova disso está, por exemplo, na afirmativa de Kardec, segundo a qual *a existência do princípio inteligente é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. É de certa forma uma verdade axiomática.*⁴ E por *axioma* entende-se verdades apoiadas em princípios que ultrapassam e dispensam a prova experimental. Efetivamente a Filosofia Espírita tem como objeto os princípios primeiros, e para tanto se fundamenta nos chamados *princípios de razão*; sua temática ultrapassa a realidade meramente sensível, em busca do inteligível, de verdades metafísicas, que transcendem desta forma a realidade fenomênica. — Não se pode, pois afirmar caprichosamente que *O Livro dos Espíritos* seja uma obra científica, pois sua temática fundamenta-se toda ela em princípios de razão.

4. Efetivamente, fica claro o divisor de águas entre a Ciência e a Filosofia. A primeira tem como objeto a realidade fenomênica, aparente, para o que emprega métodos experimentais. Já a Filosofia Espírita tem por objeto a realidade metafísica, que escapa aos métodos experimentais, em função de métodos de natureza racional e intuitiva. Daí a quarta prova: a necessidade de submeter qualquer nova teoria às exigências de **precisão metódica**. Ciência sem método é mera opinião, e Espiritismo não é uma questão de opinião. O perigo maior consiste em valer-se de métodos experimentais ou de ciências naturais para explicar a realidade da alma, ou valer-se da física quântica para definir a natureza de Deus. Cometem, pois sérios erros aqueles que submetem as questões metafísicas à ciência material; acabam por reduzir os *princípios* primeiros à partículas, o psiquismo a corpúsculos, ou ainda tomando o Espírito pelo perispírito. Nesse sentido afirma Allan Kardec: *A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto e seu pronunciamento a respeito (...)*⁵ Isso não significa que o Espiritismo negue a ciência experimental, absolutamente, mas esta lhe constitui apenas o fundamento; sua alçada é antes **metafísica**, seu fim último é a transcendência, espiritualidade é moralidade e não mundo extra-físico; sua essência está muito além do mundo físico aparente. Não será, pois, dissecando o corpo humano em minúsculas partes ou partículas que o anatomista encontrará o Espírito. Não são ainda os que concebem um *quantum* de matéria que verão a Deus. Alerta! Muito cuidado devem ter os Espíritos incautos ao descuidarem de questões metodológicas, e *tomarem as questões de natureza metafísica por questões fenomênicas, pois corre por sua conta o erro grave e comprometedor de submeter o Espiritismo à armadilha tentadora dos fundamentos materialistas*, dos quais ele é o mais veemente opositor.

5. Por outro lado, **Ciência e Filosofia**, embora possuam objetos e métodos de conhecimento diferentes, não se excluem, mas antes se complementam compondo uma unidade sintética do saber. Isso significa que se alguma teoria científica estiver em desacordo com os princípios filosóficos, ou estes não forem consentâneos com os fundamentos da Ciência, ou um dos dois estará necessariamente errado..

³ — *Révue Spirite*, 1860, p. 108.

⁴ — *Idem*, cap. XI, 1.

⁵ — KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Introd. VII

São comuns ainda no meio espírita colocações arbitrárias de que alguns conceitos doutrinários de Allan Kardec foram ultrapassados. Tal afirmação parece um pouco abusiva, pois verdades racionais nunca são superadas pelo tempo. Se assim fora, Platão e Sócrates já seriam superados, o que é inconcebível, pois tratam-se de princípios racionais e portanto inabaláveis, que permanecem válidos em qualquer época e em qualquer lugar. Talvez sim novas terminologias surjam em função do contexto cultural do momento, mas não que os conceitos doutrinários sejam superados. Pela sua própria universalidade, racionalidade e autoridade moral, a Doutrina dos Espíritos não está sujeita a modismos ou contingências, mas seus princípios, pela própria lógica que lhes é inerente, são sempre atuais e inabaláveis. Talvez estejam sim sujeitos a desenvolvimentos que se darão de acordo com a evolução do homem e da ciência, mas isso não nos faculta a pretensão de criar novas teorias em nome do “Espiritismo científico”. Sem dúvida, é de extrema importância trazer os seus ensinamentos e revelações ao contexto cultural atual, mas isto não significa querer *encaixá-lo* forçosamente nos limites de sistemas científicos modernos para comprovar sua autenticidade. A Doutrina não precisa disso, pois já é uma autoridade científica em si mesma, e, consoante *O Livro dos Espíritos, trata-se de uma filosofia racional livre dos preconceitos do espírito de sistema*⁶, ou seja, não adere a nenhuma escola ou conjunto de teorias específico.

Efetivamente, Ciência e Filosofia complementam-se em uma síntese entre o fenômeno e a essência, entre o empirismo e o racionalismo. Importa, desta forma, reafirmar essa unidade em nossas propostas científicas para não cairmos em falsos raciocínios, assim como articular a interdisciplinaridade em nossas propostas pedagógicas, sem com isso deixar de respeitar suas diferenças de objeto e de método, de forma a não colocar em risco a autoridade científica da Doutrina dos Espíritos que lhe é inegável. Ao mesmo tempo, não se deve negar sorrateiramente um ou outro aspecto do saber simplesmente porque se desconhece, pois cada um tem seu papel e importância nesta unidade sintética da Doutrina, sem aderência a nenhuma escola.

Expositores e dirigentes de centros espíritas devem acautelar-se diante do fascínio de novas propostas científicas, e não permitir sua divulgação sem maiores critérios. Todos somos responsáveis pelo que é divulgado, e se lhe desconhecemos o fundamento, mais um motivo para não aceitarmos tudo passivamente, simplesmente pelo falso brilho de raciocínios, desenhos ou terminologias científicas, mas que nem sempre se adequam à substância dos ensinamentos dos Espíritos.

O que não se deve ter sempre em mente é a necessidade imperiosa de exaltar os juízos de *valor* em nossas proposições, na medida em que não se basta a comprovação fenomênica, nem tampouco a objetividade da razão filosófica, se o conhecimento não colimar a consciência ético-religiosa. O Espiritismo é acima de tudo o **Evangelho à luz da ciência e da filosofia**, e não o contrário.

Bibliografia:

KARDEC, Allan. *A Gênese*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Feb, 1982
Révue Spirite, 1860.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Feesp, 1991

PIRES, Herculano. *A pedra e o joio*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Cairbar, 1975

⁶ — KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Prolegômenos.

